

e não compreendo mesmo que pudesse haver antas descobertas, salvo se algumas tinham outras serventias que não a de monumentos sepulcraes, — o que tem sido sustentado, mas com razões muito ambíguas» (pag. 102).

J. L. DE V.

### Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1758»

Por tres occasiões no nosso país a classe parochial prestou em commum relevantes serviços, informando os poderes superiores sobre o que havia de mais notavel nas respectivas freguesias.

A primeira vez foi numa data poucos annos anterior a 1747, e sobre as memorias diversas remetidas pelos abbades, priores, curas, vigarios, etc., formou o P.<sup>o</sup> Luis Cardoso, a pedido de quem se executou esta obra meritoria, um trabalho que ficou incompleto, devido ao terremoto de 1755, escapando só o que já estava impresso <sup>1</sup>.

Não desanimou o oratoriano, e em 1758 tinha outra vez em seu poder abundante material colhido como o acima mencionado, o qual comtudo não chegou a coordenar. Esta grande collecção conserva-se manuscripta no Archivo Nacional <sup>2</sup>, e d'ella se aproveitou João Maria Baptista para a execução da sua importante *Chorographia*, impressa em 1874 e 1879, dotada, porém, de indice pouco claro.

Em 1862 procedeu-se a novo inventario de cousas notaveis, e esse trabalho que se conserva, talvez impropriamente, no Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria, foi tambem de grande auxilio para aquelle auctor.

Os dois interrogatorios do seculo passado, publicados n-*O Archeologo Português*, I, 268 sqq., certamente ambos da mão do P.<sup>o</sup> Luis Cardoso, em pouco differem entre si. A parte propriamente chorographica das respostas aos interrogatorios de 1758 já foi, como disse, amplamente explorada. A parte antiquaria foi tambem explorada, mas parece que não com o mesmo desenvolvimento da parte chorographica. Em primeiro logar o Sr. Emilio Hübner, por intermedio de A. Herculano e A. Soromenho, e só com respeito a inscripções, colligiu tudo o que encontrou para o *Corpus Inscriptionum Latinarum*, vol. II, *Inscriptiones Hispaniae Latinae*, 1869; não é provavel que escapassem

<sup>1</sup> Cfr. *O Archeologo Português*, I, 267.

<sup>2</sup> Cfr. *O Archeologo Português*, loc. laud.

muitas copias de inscripções. Borges de Figueiredo tambem de lá tomou alguns apontamentos, conforme se vê na *Revista Archeologica*, IV, 136. E ainda outros que não é necessario indicar consultaram aquelles materiaes<sup>1</sup>.

O Sr. A. Mesquita de Figueiredo começou a pag. 142 d-*O Archeologo Português* a extractar do *Diccionario Geographico de Portugal*, do P.<sup>o</sup> Luis Cardoso o que alli se encontra de interessante em relação a archeologia.

Seguindo esse caminho, retiramos dos 43 volumes, em que se contém os cadernos manuscritos na Torre do Tombo, menções archeologicas, porém com restricções. O que tem character moderno, i. é, posterior á fundação da monarchia não é incluído; attendendo, comtudo, á necessidade de formar um peculio de inscripções portuguezas, são estas recebidas. Todas as lendas com character local são tambem publicadas. Muitos excerptos parecerão extensos, mas mutilar as relações ou resumi-las seria tirar-lhes o valor.

### 1. «Castello» de Abbação (Entre-Douro-e-Minho)

«Tem esta serra (*de Santa Catharina*) o Mosteyro de Santa Mariinha da Costa de Monges de S. Hironimo, tem mais em sima huma ermida de Santa Catherina, e neste sitio alguns vestigios de haver antigamente algum castello. . . . .».

«Não tem lagoas só sim barrocos grandes e varias lapas debayxo de penedos, aonde se recolhem os pastores do guado, quando chove». (Tomo I, fl. 5).

### 2. Abbedim (Minho)

Penha ou castello de S. Martinho. — Lenda da aguia que deixa cahir do bico uma truta. — Restos de povoação antiga

«Ha huma pequena ermida, em huma monstruoza penha de penidice, que para se hir a ella he muito laboriozo, da invocaçam de sam Martinho . . . . . dassé tambem a esta jrmida o titulo de sam Martinho da Penha, e outros lhe dam o titulo do Castello de Sam Martinho, por hauer algumas memorias ou lembranças, que hum senhor d'estas terras no tempo da infelidade (*sic*), por sua companheyra se reduzir aos Misterios da nossa santa Fé Catholica, a mandara pôr de citio (i. é, cêrco) naquella medonha penha de penedice com goardas,

<sup>1</sup> [Na *Revista litteraria*, Porto 1842, vol. VIII e IX, vem publicados extractos de um ms. da Torre do Tombo, que é provavel que seja o mesmo de que trata o Sr. Azevedo, mas não posso verificar agora, por falta de tempo. — J. L. DE V.]

para que lhe não passasse acima nenhum comistível, pera que ella desistisse de sua santa inspiraçam, que Deus lhe tinha infundido, e leuada ella no amor deuino, havendo huma grande sterilidade de peixe, lhe enviou o Altissimo do ceo huma grande truta marisca por huma aguia, que lhe lançou em seu regaço, e ella por reconhecer a grande falta de peixe, que havia nas vezinhanças, a enviou a seu marido chamado Abbedis, que assistia na freguezia de Trute, que fica distante do Castello supradicto meia legoa para tres coartos de legoa pouco mais ou menos, e pelo portador mandou dizer ao dito Abbedis, que não temesse a fome, que a Magestade divina a tinha muito bem favorecido de todos os mantimentos, que elle movido da Mizericordia Diuina se reduzio a nossa fe<sup>1</sup>; e no dito Castello da penha se acha alguns indicios ou vestigios, adonde se não vai senão com muito trabalho por ter entradas muito apertadas e perigozas, e no dito Castello se acha alguns monumentos que mostram que nelle ouve alguma povoaçam ou assistencia . . . . .» (Tomo I, fl. 80; cfr. *O Archeologo Português*, I, 142).

### 3. «Castello» de Abiul (Estremadura)

«Esta villa e seo termo tem alem dos montes, que a cercão, hum chamado o do Castello, outro o monte Albão, outro da Boavista, outro da Forca, huma serra chamada de Sicô . . . . .» (Tomo I, fl. 103).

### 4. Adeganha (Trás-os-Montes)

«Castello» dos Moiros num alto. — Vestigios de fundição de metaes

«Dize-se que fora povoada de mouros, que bem se ve os sitios donde abitavam, principalmente no sitio donde está a capella de N. Senhora do Castello, que ali tinham o Castello, em o alto de hum monte de fragas, e no fundo a villa, donde se tem achado, e acham ainda metaes, cunhos d'elle, e outras cousas mais de que se nam faz caso, e se acha muyta escoria de o fabricarem. Tem logo junto hum sitio que se chama o Vale do Ouro». (Tomo I, fl. 243; cfr. *O Archeologo Português*, I, 143, § 3).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

<sup>1</sup> [É a mesma lenda, muito conhecida, que se attribue a D. Fernando Rodrigues Pacheco, governador do castello de Celorico da Beira no seculo XIII. Ha lendas analogas noutros paeses, e datam já da antiguidade. Sobre o assumpto publicou em 1882 o Dr. G. Pitre, de Palermo, um meritorio trabalho em italiano, de que só conheço a traducção allemã com o seguinte titulo: *Ueber eine sagenhafte Kriegslist bei Belagerungen* (De um estratagema de guerra lendario nos assedios). — J. L. DE V.]